

## PORQUE EU SOU É HOMEM: UM ESTUDO DISCURSIVO ACERCA DA MASCULINIDADE

Fernanda Gandra<sup>1</sup>; Ana Luiza Santos Paulo<sup>2</sup>; Manuella Felicíssimo<sup>3</sup>;

1Fernanda Gabrielle Gandra, Bolsista (IFMG), química, IFMG Campus Betim - MG; fergandra12@gmail.com

2 Ana Luiza Santos Paulo, química, IFMG Campus Betim, MG; a.santos201317@gmail.com

4 Manuella Felicíssimo: Pesquisador do IFMG, Campus Betim; manuella.felicissimo@ifmg.edu.br

**RESUMO** O presente trabalho se propõe a ampliar as reflexões que vêm sendo desenvolvidas acerca das relações de gênero. Trata-se da extensão de um estudo já concluído, o qual procurou analisar as representações sobre o feminino através dos discursos de humor. Neste trabalho, pretende-se analisar a forma como é construída a imagem da masculinidade, a fim de cotejar as duas: a masculina e a feminina. Isso permitirá verificar se o discurso de humor sobre o masculino refletirá a masculinidade pelo mesmo viés temático que foi identificado na primeira pesquisa, na qual a figura masculina foi recorrente. Esta proposta insere-se no campo dos estudos discursivos e baseia-se nas contribuições teóricas da análise do discurso de linha francesa, bem como da semiótica greimasiana. Por meio delas, busca apontar a aparência de naturalidade e de neutralidade da linguagem que constrói as identidades de gênero. O objetivo é demonstrar como essas imagens socialmente legitimadas perpetuam os obstáculos que impedem a igualdade nas relações de gênero.

### INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como finalidade ampliar as reflexões acerca das relações de gênero. Após a investigação das representações do feminino projetadas nos textos de humor, almejou-se cotejar as duas imagens; as referentes à identidade feminina e as condizentes com a masculina. Para proceder ao estudo, estão sendo utilizados os pressupostos teóricos da análise do discurso de linha francesa (AD) e também da Semiótica Greimasiana. Tendo em vista a manutenção de um padrão que viabilize a homogeneidade do *corpus*, o foco da análise permaneceu nos textos humorísticos.

A partir do recorte teórico exposto, espera-se identificar e analisar o discurso sobre a masculinidade, a fim de reconhecer o que a sociedade compreende como masculino, quais são as formações discursivas que sustentam esse discurso e quais memórias são trazidas em seu interior.

Já é sabido que o senso comum legitima a tese de que os indivíduos nascem sexualmente condicionados a serem menina/mulher ou menino/homem. Esse pressuposto, que é reforçado secularmente por importantes instituições, tais como a religiosa, a médica, a psicológica e a jurídica, baseia-se na ideia de que o sexo biológico determina naturalmente os papéis a serem desenvolvidos pelos sujeitos na sociedade. Porém, essa crença não se sustenta quando se verifica o modo como o masculino e o feminino foram representados e performatizados ao longo da história, em diferentes tempos e contextos socioculturais. Atualmente, sabe-se que o que institui esses papéis, tal como eles são legitimados, são os valores e as crenças de cada época. Trata-se de um amplo escopo ideológico que estabelece o que é permitido e o que é proibido para cada um. Enquadrar-se nesse escopo, é fundamental para que o indivíduo se sinta e se reconheça como pertencente à sociedade e usufrua dos privilégios ofertados a quem se enquadra nesse aparato normativo.

Os estereótipos acerca dos gêneros são fidedignas imagens daquilo que se estabeleceu

como concernente às identidades masculina e feminina. Nesse sentido, relaciona-se ao homem características como forte, viril, corajoso, racional, provedor, sexualmente ativo. Ao passo que as mulheres seriam emotivas, irracionais, delicadas, frágeis, cuidadoras e passivas.

Embora esses conhecidos atributos pareçam pouco problemáticos, tamanha aparência de naturalidade que o reveste, importa destacar que eles são usados para justificar uma história de exclusão e de opressão que tem privilegiado, há milênios, a figura masculina. O resultado é o forte sexismo, que se revela nos discursos misóginos e também na própria hierarquia social. Como afirma Bourdieu (1999): “Essa percepção, por sua vez, está fundada em esquemas classificatórios que opõem masculino/feminino, sendo esta oposição homóloga e relacionada a outras: forte/fraco; grande/pequeno; acima/abaixo; dominante/dominado (Bourdieu, 1999, p.275)”. Ainda segundo o autor, essas oposições são hierarquias arbitrariamente construídas ao longo da história.

É através das representações sociais, as quais se constituem por meio de uma rede discursiva, que se torna possível (re)conhecimento e a vivência do feminino e do masculino. Conforme afirma Charaudeau (2017), que discutindo sobre o conceito de representação prefere falar em imaginário sócio-discursivo:

O imaginário é uma forma de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, a qual (...) constrói a significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante (CHARAUDEAU, 2017, p. 578).

É por essa razão que ao longo da história encontram-se diferentes significações que determinam cada um. Até o século XVIII, por exemplo, o masculino e o feminino eram concebidos a partir da ideia do sexo único. A mulher seria uma versão sexual “menos evoluída” e, por isso, inferior ao homem. A anatomia masculina constituía-se como um padrão normativo e evolutivo. A próxima transformação histórica significativa se dá no momento em que a mulher passa a ser considerada não mais o homem invertido (por ter o sexo invertido), mas um sujeito contrário, oposto a ele e, por isso, complementar.

O reconhecimento dos dois sexos trará também uma série de mudanças em relação aos papéis determinados para um e para outro. Conforme afirma Silva (2000), da bissexualização resultou a inferioridade da mulher e a reiteração da superioridade masculina. Essa forma de divisão se reflete no modo como se dá a organização das relações sociais: ao homem cabe o espaço externo, o lugar da política, da economia, à mulher o espaço doméstico, o cuidado dos filhos e do marido.

De acordo com Silva (2000), é no século XIX que se verifica o esforço para construir uma masculinidade que fosse reconhecida e vivida por todos os homens. A aristocracia e a burguesia terá a preocupação de afastar-se daquilo que remeta ao feminino: ser homem significa, sobretudo, não ser mulher. Além disso, outras práticas vão sendo compartilhadas, tornadas valores positivos com os quais os sujeitos masculinos deveriam estar conjuntos, para pertencerem à sociedade. Temas como trabalho, sexualidade, poder, a figura do provedor, do forte, etc. vão construindo o imaginário masculino.

Para Bourdieu (1999), a divisão entre os sexos estabelece não apenas a maneira como o mundo é percebido, como também as ações dos indivíduos; o que se revela em seus corpos e em seus hábitos. O sociólogo é assertivo ao apontar que a divisão entre os gêneros é parte estruturante da sociedade.

Este estudo justifica-se pelo caráter investigativo das relações de gênero, o que permite que sejam identificados os obstáculos que impedem a igualdade entre as identidades masculina e

feminina. Viabiliza, sobretudo, a desconstrução da aparência de naturalidade que os torna (os obstáculos) pouco questionáveis, facilmente reproduzidos e tomados como verdade pelos sujeitos. Acrescenta-se a isso o fato de haver poucos estudos referentes à identidade masculina no âmbito dos estudos discursivos, embora essa ocupe uma posição privilegiada na sociedade.

Portanto, esta proposta avança nos estudos sobre essa temática, em especial no âmbito da AD, por se dedicar a conhecer as dimensões simbólicas, sociais e culturais daquilo que é chamado de masculinidade. Por fim, não se pode deixar de mencionar a inquestionável relevância social dos estudos de gênero, pois eles permitem conhecer as enfrentar “justificativas” que ocultam sérios problemas vividos cotidianamente, tais como: naturalização da violência, feminicídio, divisão sexual do mundo do trabalho, etc.

## METODOLOGIA

No âmbito dos estudos do discurso, a teoria constitui-se também como um suporte metodológico, uma vez que ali são construídas as categorias que norteiam a forma como o analista abordará o objeto. Desse modo, são os conceitos desenvolvidos na esfera da AD de linha francesa e da semiótica greimasiana que serão utilizados como procedimentos de análise.

Sobre a constituição do *corpus*, aqui se leva em conta o que Courtine (1999, p. 55) estabelece. O autor entende que o *corpus* é um conjunto de sequências discursivas orais ou escritas que é extraído de um campo discursivo. No caso em questão, foram utilizados discursos que visam o efeito humorístico, quer se trate de texto verbal e/ou visual. Por essa razão, foram considerados diferentes gêneros, como anedotas, tirinhas, cartuns e charges. Tendo em vista os limites estabelecidos para esta pesquisa, não se levaram em consideração textos fílmicos. Uma vez levantado o *corpus* – o qual ainda está sendo construído – serão levantadas as recorrências linguísticas, semânticas, figurativas, etc.. A partir delas, os temas mais recorrentes serão identificados, o que permitirá agrupar os textos de acordo com percursos temáticos específicos.

O passo seguinte será o reconhecimento das condições de produção do discurso, bem como da rede de memória que ampara aquilo que é enunciado, de modo que as formações discursivas e ideológicas que fundamentam o processo de significação da masculinidade possam ser apreendidas. Por fim, serão cotejadas as imagens do feminino, já identificadas em pesquisa anterior, com as imagens sobre o masculino.

## DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tendo em vista o levantamento bibliográfico prévio, bem como os resultados da pesquisa pretérita, esperava-se identificar no discurso analisado a construção de uma imagem estereotipada sobre a masculinidade. Nesta etapa da pesquisa o *corpus* ainda está sendo formado. A prévia análise que foi realizada parece apontar de fato para uma imagem bastante conhecida, aquela que relaciona a masculinidade com a sexualidade. Em muitos textos o sujeito masculino é revelado como aquele que teme perder a sexualidade, seja tornando-se impotente sexualmente, seja tendo uma performance sexual semelhante ao papel estabelecido para o feminino, ou seja, ser passivo na relação.

Essa é uma imagem que pode ser encontrada no bojo de discursos da esfera médica e psiquiátrica do século XIX. Nesse contexto, a compreensão a respeito do feminino e do masculino, dos papéis sociais atribuídos a um e outro, passava pela presença e ou ausência do pênis. Nas palavras de Zanotta (2001), o masculino seria a potência e o feminino seria um ser “castrado”.

“(…) Assim, o feminino tende a ser portador do reconhecimento da impossibilidade da completude humana, e a se distanciar da posição de portador da lei simbólica, enquanto o masculino se define como portador da lei simbólica”.

Essa representação não começa e nem se encerra nesse âmbito discursivo. Porém, ela explica o que parece ser um dos principais símbolos da masculinidade: a potência sexual. Até o momento, esse tema tem se refletido nos textos que constituem o *corpus*. Geralmente, a figura masculina, quando alvo do humor, aparece sendo destituída da sua capacidade de manter relações sexuais da forma como fora estabelecido pela heteronormatividade, ou seja, como sujeito ativo. Na perspectiva da semiótica greimasiana, verifica-se que o sujeito da narrativa reconhece-se privado, destituído da sua identidade, muitas vezes por se ver impedido da possibilidade de ter uma experiência sexual. Ocorre também de a destituição da identidade ser consequência de alguma performance semelhante à feminina. O sujeito, modalizado pelo *querer-não-ser*, experimenta, então, as paixões do medo, da repulsa e da aversão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **A escola conservadora**: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. *Escritos de Educação*. São Paulo: Vozes, 1998.p. 39-64.

CHARAUDEAU, Patrick. **Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor**. V7 (1) p. Jan.jun. 2017, p. 571-591.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**. O discurso comunista endereçado aos cristãos. Tradução de Vanice Sargentini (Org.). São Carlos: EdUFSCar, 2009. p.250.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: **Série Antropológica**, 2001. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie290empdf.pdf>. Acesso em 01 de junho de 2019.

SILVA, Sérgio Gomes da. Masculinidade na História: A Construção Cultural da Diferença entre os Sexos. In: **Psicologia, Ciência e Profissão**, 2000, 20 (3), p. 8-15.